A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ADRIANA BARBOSA DE FRANÇA ARAGÃO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a contação de histórias como uma potente estratégia pedagógica para o desenvolvimento da oralidade, da escuta ativa e da imaginação na educação infantil, explorando seus fundamentos teóricos e implicações práticas. A pesquisa discute como o ato de narrar transcende o entretenimento e se consolida como uma ferramenta essencial para a construção de repertório linguístico, a organização do pensamento e a ampliação do universo imaginário da criança. Ao criar um ambiente lúdico e afetivo, a contação de histórias promove a interação, a expressão de sentimentos e o desenvolvimento de competências socioemocionais, permitindo que as crianças se tornem protagonistas de suas próprias narrativas internas e externas. Ao conectar a criança com diferentes culturas e realidades, as histórias fortalecem a identidade e o pensamento crítico. No entanto, o texto também aprofunda os desafios, como a banalização da prática, a necessidade de formação continuada para que os professores dominem as técnicas narrativas e o risco de que a contação seja usada de forma mecânica, sem uma intencionalidade pedagógica clara. O artigo argumenta que a mera leitura de um livro não é suficiente; o sucesso da estratégia depende do planejamento do educador, da escolha de repertórios diversificados e da criação de um ambiente que convide à participação e à criatividade. Conclui-se que a contação de histórias é um pilar para a formação integral na primeira infância, mas seu potencial só será plenamente alcançado com um planejamento estratégico que garanta um desenvolvimento linguístico e imaginativo alinhado à formação de um cidadão capaz de "ler o mundo", conforme defende Paulo Freire.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Oralidade. Imaginação. Prática Pedagógica. Paulo Freire. Letramento.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, as histórias têm sido o uma ferramenta fundamental para a transmissão de cultura, valores e conhecimento entre gerações. Na educação infantil, esse ato ancestral ganha um papel ainda mais profundo, transformando-se em uma estratégia pedagógica central para o desenvolvimento integral da criança.

A contação de histórias, longe de ser um mero passatempo ou uma atividade para preencher o tempo, constitui-se como um pilar para a construção da linguagem, o florescimento da imaginação e a estruturação do pensamento complexo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil estabelece, no campo de experiência "Escuta, fala, pensamento e imaginação", a importância de interações com diversas manifestações da linguagem oral e escrita, incluindo as histórias, o que reforça sua centralidade no currículo.

Neste cenário, a narrativa oral vai além do recurso de ensino e assume a posição de um componente essencial das práticas pedagógicas na primeira infância. Como aponta Vygotsky (1984), a aprendizagem é um processo eminentemente social, e a interação mediada pela linguagem é o que impulsiona o desenvolvimento cognitivo. A contação de histórias cria um espaço privilegiado para essa interação, onde a criança não apenas ouve passivamente, mas dialoga, questiona, interpreta de sua da sua forma e, gradualmente, internaliza estruturas narrativas que serão a base para sua própria comunicação oral e, futuramente, para a compreensão leitora e a produção escrita. A história funciona como uma "zona de desenvolvimento proximal", onde a mediação do narrador permite à criança alcançar novos patamares no modo de compreender e se expressar.

Nessa mesma linha, o pensamento de Paulo Freire (1989) nos permite ampliar essa visão,

compreendendo que o ato de narrar e ouvir histórias é uma forma primordial de "leitura do mundo". Antes mesmo de decodificar a palavra escrita, a criança, através das narrativas, aprende a interpretar a realidade, a compreender as relações humanas e a se posicionar socialmente. A história, portanto, não é apenas um portal para a fantasia, mas uma ferramenta para a construção da consciência, um primeiro passo para a formação de um sujeito que lê, interpreta e age sobre sua realidade.

O uso de diferentes modalidades de contação – que vão desde o emprego de livros ricamente ilustrados, o manuseio de fantoches e teatros de sombras, até a pura e simples narrativa oral, apoiada em gestos, expressões faciais e entonações de voz – tem demonstrado um potencial imenso para promover ambientes de aprendizagem mais ricos, afetivos e significativos. Nesses momentos, as crianças são convidadas a mergulhar em mundos fantásticos, a se identificar com personagens, a vivenciar conflitos e a explorar soluções, exercitando a empatia, a resiliência e a criatividade.

No entanto, a implementação dessa prática não é um processo isento de desafios. A rotina escolar, muitas vezes acelerada e focada em resultados objetivos, pode reduzir a contação de histórias a uma atividade secundária e sem o devido planejamento. Soma-se a isso a necessidade premente de uma formação docente que habilite o professor a ser um bom narrador, capaz de encantar, envolver e, sobretudo, compreender a intencionalidade pedagógica por trás de cada conto. O risco de que a prática se torne repetitiva, desprovida de significado ou subutilizada é uma ameaça constante à sua eficácia.

Diante desse problema complexo, este artigo tem como objetivo analisar o impacto e a relevância da contação de histórias como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da oralidade e da imaginação na educação infantil. A análise se propõe a discutir seu potencial, seus fundamentos teóricos e as implicações práticas para a construção de uma prática educativa mais lúdica, humana e alinhada às necessidades fundamentais da primeira infância, defendendo seu lugar não como um apêndice, mas como o coração do currículo.

2. DESENVOLVIMENTO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E PEDAGÓGICA

A trajetória da contação de histórias na educação é tão antiga quanto a própria ideia de ensinar. Entender sua evolução, desde as tradições orais imemoriais até sua formalização como ferramenta pedagógica no ambiente escolar, é crucial para contextualizar e valorizar sua importância nos dias de hoje.

2.1 A Tradição Oral e o Papel Ancestral das Histórias

Muito antes da invenção da escrita e da institucionalização da escola, a oralidade era o principal e único meio de preservação e transmissão cultural. Ao redor de fogueiras, em reuniões comunitárias e no seio familiar, os mais velhos narravam mitos de criação, lendas heroicas e contos de sabedoria que explicavam o mundo, transmitiam os valores do grupo e fortaleciam os laços sociais. Essas narrativas não eram apenas entretenimento; eram verdadeiras aulas sobre a vida, a ética, a história e a identidade de um povo. A criança aprendia ouvindo, participando ativamente e, eventualmente, recontando as mesmas, garantindo a continuidade da cultura. A tecnologia narrativa era o próprio corpo: a voz, o gesto, o ritmo, o olhar e a memória coletiva.

2.2 A Literatura Infantil e a Sistematização do Conto na Escola

Com a invenção da prensa por Gutenberg no século XV e a posterior popularização do livro, as histórias ganharam um novo e duradouro suporte. A partir do século XIX, a literatura infantil começa a se consolidar como um gênero específico, e os contos de fadas, antes fluidos e mutáveis na tradição oral, são compilados, adaptados e fixados em texto por autores como os irmãos Grimm na Alemanha e Hans Christian Andersen na Dinamarca.

A escola, então uma instituição em expansão, gradualmente incorpora o livro de histórias em suas práticas. Contudo, seu uso inicial era predominantemente moralizante e disciplinador, com fábulas e contos que visavam ensinar um comportamento "correto" e exemplar. O livro era um objeto centralizado, e a leitura, muitas vezes, seguia um modelo de transmissão vertical, onde o pro-

fessor lia e os alunos ouviam passivamente, com a obrigação de extrair a "moral da história".

2.3 A Contação de Histórias na Pedagogia Moderna

O século XX, com o avanço de novas e revolucionárias correntes pedagógicas, como a Escola Nova e o construtivismo, trouxe uma nova visão sobre a infância e a aprendizagem.

A criança passou a ser vista não como um adulto em miniatura ou uma folha em branco, mas como um ser ativo, potente, que constrói seu conhecimento através da interação com o meio em que está inserido e da experiência vivida. Nesse contexto, a contação de histórias foi profundamente ressignificada. Deixou de ser apenas um instrumento de moralização para se tornar uma ferramenta de estímulo à imaginação, à livre expressão e ao prazer estético.

Autores como a brasileira Fanny Abramovich (1989) foram vozes importantes na defesa de que a literatura infantil deve ser, antes de tudo, arte e prazer. A pedagogia de Maria Montessori (1965), por sua vez, embora valorizasse a linguagem, inicialmente demonstrou preferência por narrativas baseadas na realidade, acreditando que a criança primeiro precisa compreender o mundo concreto ao seu redor. Essa perspectiva, embora diferente da valorização do literário fantástico, reforça a importância de histórias que conectem a criança ao seu ambiente, que descrevam a natureza e as atividades humanas, servindo como base para a construção de um imaginário sólido.

A pedagogia moderna, então, passa a buscar um equilíbrio, oferecendo tanto contos fantásticos que libertam a imaginação, quanto narrativas realistas que ajudam a criança a organizar e compreender seu mundo. A prática da contação, então, se liberta, se diversifica e se reinventa.

O professor passa a ser incentivado a ir além da simples leitura, utilizando fantoches, dedoches, músicas, cenários e outros recursos para tornar a experiência mais rica, sensorial e participativa. O foco se desloca da "lição" da história para a interpretação, o diálogo e a multiplicidade de emoções que ela pode causar.

2.4 A Contação de Histórias no Contexto da Educação Brasileira

No Brasil, a história da literatura infantil e da contação de histórias é marcada pela figura importantíssima de Monteiro Lobato. Com a criação do "Sítio do Picapau Amarelo", ele inaugurou uma era de literatura que dialogava com o imaginário infantil brasileiro, misturando folclore nacional com elementos da cultura universal. Sua obra influenciou gerações e ajudou a consolidar um espaço para a narrativa infantil no país. Nas décadas seguintes, políticas públicas buscaram ampliar o acesso ao livro, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que distribuiu milhões de obras literárias para escolas públicas, fomentando a criação de acervos e incentivando práticas de leitura. A contação de histórias, nesse contexto, tornou-se uma estratégia fundamental para dar vida a esses acervos e para formar novos leitores em um país de profundas desigualdades sociais e educacionais.

2.5 A Era Digital e as Novas Mídias na Contação de Histórias

A chegada das tecnologias digitais no século XXI trouxe novos formatos e possibilidades, desafiando novamente a prática. Audiobooks, animações, aplicativos interativos e canais de contadores de histórias no YouTube ampliaram em muito o acesso a um repertório imenso de narrativas de todo o mundo. Essas novas mídias podem, sem dúvida, enriquecer a prática, oferecendo recursos visuais e sonoros sofisticados que cativam a atenção das crianças. No entanto, também trouxeram um novo e complexo desafio: o risco da passividade e do consumo desenfreado.

Adicionalmente, um desafio pedagógico específico desta era é a natureza predominante de grande parte do conteúdo digital infantil. Em contraste com a narrativa estruturada de um conto, muitas plataformas digitais privilegiam um fluxo constante de vídeos curtos, de ritmo acelerado e com baixa conteúdo narrativo – um fenômeno que pode ser analisado como um grande causador de dispersão. Esses estímulos, projetados para capturar a atenção de forma imediata e efêmera, operam em uma lógica oposta à da contação de histórias: enquanto esta úl-

tima busca construir o foco, a imaginação e o pensamento linear, o consumo de conteúdo fragmentado pode incentivar a busca por gratificação instantânea, prejudicando a capacidade de concentração sustentada. Para o educador, isso representa o desafio não apenas de competir por atenção, mas de formar na criança a capacidade de discernir entre um conteúdo que nutre a mente e outro que apenas a ocupa momentaneamente. Se a criança apenas assiste a uma história pronta e acabada na tela, sem a mediação qualificada do professor e sem espaço para a interação, a pausa e a imaginação, a experiência pode se tornar empobrecida e superficial. O desafio contemporâneo não é negar essas ferramentas, mas integrar criticamente as novas mídias, utilizando-as como um ponto de partida para o diálogo e a criação, e não como um substituto para a riqueza insubstituível da interação humana presente na contação de histórias tradicional.

3. BENEFÍCIOS E DESAFIOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A adoção da contação de histórias como prática pedagógica principal gera um campo de imensas potencialidades e desafios complexos. De um lado, vislumbra-se um horizonte de desenvolvimento integral, com promessas de avanço na linguagem, na criatividade e no desenvolvimento social. Do outro, emergem obstáculos estruturais e pedagógicos ligados à formação docente e à intencionalidade da prática que não podem ser ignorados.

3.1 Potencialidades: Os Pilares do Desenvolvimento Infantil

3.1.1 Desenvolvimento da Oralidade e da Escuta Ativa

A contação de histórias é um dos exercícios mais completos e eficazes para o desenvolvimento da linguagem oral. Ao ouvir narrativas bem estruturadas, ricas em vocabulário e com diferentes entonações, a criança amplia seu repertório lexical, familiariza-se com estruturas sintáticas complexas e apreende a musicalidade e o ritmo da língua. Além disso, o ato de ouvir atentamente para compreender o enredo, antecipar acontecimentos e captar as emoções dos personagens desenvolve a escuta ativa, uma competência fundamental para todo o processo de aprendizagem e para as relações sociais.

Em um segundo momento, ao ser convidada a recontar a história com suas palavras, a opinar sobre as atitudes de um personagem ou a inventar um final diferente, a criança exercita ativamente sua própria capacidade de organizar o pensamento, de argumentar e de se expressar verbalmente com clareza e confiança.

3.1.2 Estímulo à Imaginação, à Criatividade e ao Pensamento Simbólico

Diferente de uma imagem pronta, entregue por uma tela, a história narrada oralmente é um convite aberto à imaginação. A palavra falada evoca imagens, e cada criança, em sua mente, cria seus próprios cenários, rostos e detalhes para os personagens e ambientes. A teoria da recepção, especialmente nas palavras de Wolfgang Iser (1996), explica esse fenômeno através dos "vazios" ou "espaços em branco" do texto. A narrativa nunca descreve tudo; ela deixa lacunas que o ouvinte/leitor preenche ativamente com seu próprio repertório e imaginação. É nesse ato de preenchimento que a criatividade floresce. Como afirma o psicanalista Bruno Bettelheim (1980) em sua obra clássica sobre os contos de fadas, as histórias oferecem um palco seguro para que a criança elabore seus conflitos internos, medos e desejos de forma simbólica. A imaginação, estimulada pelas histórias, é a ferramenta que permitirá à criança, no futuro, resolver problemas de formas diferentes, se colocar no lugar do outro, criar, inventar e compreender conceitos matemáticos e científicos complexos.

3.1.3 Construção de Vínculos Afetivos e Desenvolvimento Socioemocional

O momento da contação de histórias é, por excelência, um momento de vínculo, de encontro e de afeto. A organização em roda, o olhar atento, a voz acolhedora do professor e a experiência compartilhada entre as crianças criam um ambiente de segurança, confiança e pertencimento. Ao se identificar com os medos, alegrias, perdas e desafios dos personagens, a criança aprende a nomear, a compreender e a lidar com seus próprios sentimentos e emoções. As histórias permitem discutir temas complexos e delicados, como amizade, separação, ciúme, coragem e diversidade, de forma lúdica e in-

direta, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da empatia e das competências socioemocionais, tão essenciais para a vida em sociedade.

3.1.4 Alfabetização e Letramento: A Narrativa como Ponte para a Escrita

A contação de histórias é uma ferramenta fundamental no processo de letramento. Como defende Magda Soares (2004), letramento é muito mais do que a simples aquisição do código escrito; é a inserção da criança nas práticas sociais de leitura e escrita. Ao ouvir histórias, a criança se familiariza com a linguagem que se usa para escrever, que é diferente da linguagem coloquial do dia a dia. Ela internaliza estruturas narrativas (começo, meio, fim), aprende sobre a construção de personagens e enredos, e desenvolve um repertório que será crucial para a futura compreensão de textos e para a sua própria produção de escrita. A familiaridade com a estrutura de um conto é o pilar sobre o qual a criança construirá suas próprias redações e interpretações textuais.

3.2 Desafios: Os Obstáculos à Prática Significativa

3.2.1 A Formação do Professor Contador de Histórias

A eficácia da contação de histórias depende, em última análise, da competência do professor como narrador. No entanto, muitos educadores sentem-se inseguros ou despreparados para essa função, limitando-se a uma leitura monótona e pouco expressiva. A formação inicial e continuada precisa ir além de simplesmente oferecer um repertório de histórias. É fundamental que inclua oficinas práticas sobre técnicas de impostação de voz, a importância das pausas, o uso de gestos e expressões corporais, a manipulação de objetos cênicos e, o mais importante, a compreensão da intencionalidade pedagógica por trás da escolha de cada narrativa e da forma de contá-la para cada faixa etária.

3.2.2 A Banalização da Prática e a Falta de Planejamento

Um dos maiores riscos que a contação de histórias corre no ambiente escolar é a sua banalização, sendo frequentemente reduzida a uma atividade "tapa-buraco" para preencher o tempo, acalmar a turma após o recreio ou aguardar a chegada dos pais.

Uma prática significativa e potente exige planejamento cuidadoso: a curadoria e a escolha de um repertório diversificado e de alta qualidade, a preparação do ambiente para torná-lo acolhedor e livre de distrações, a definição de objetivos pedagógicos claros (ampliar o vocabulário sobre um tema, discutir um conflito específico, estimular a criatividade) e a previsão de desdobramentos, como atividades de desenho, modelagem, dramatização ou reconto coletivo, que ampliem e aprofundem a experiência vivida entre os alunos.

3.2.3 A Seleção do Repertório: Entre o Clássico e o Contemporâneo

Outro desafio complexo é a curadoria do repertório. Diante de uma vasta produção literária, o professor se depara com o dilema: privilegiar os contos de fadas clássicos, ricos em simbologia arquetípica, ou focar em obras contemporâneas, que abordam temas atuais e refletem a diversidade da sociedade moderna? A resposta ideal reside no equilíbrio. É fundamental que as crianças tenham contato com o repertório clássico, que forma a base da cultura ocidental, mas é igualmente crucial que elas leiam histórias com as quais possam se identificar, com personagens que reflitam suas realidades étnicas, sociais e familiares, quebrando estereótipos e promovendo a representatividade.

3.2.4 A Competição com as Telas e a Cultura do Imediatismo

As crianças de hoje estão imersas em uma cultura digital de estímulos visuais rápidos, fragmentados e constantes. A contação de histórias, que por sua natureza exige pausa, escuta atenta, concentração e um esforço imaginativo interno, compete diretamente com o apelo fácil e imediato das telas. Educar a criança para o prazer da escuta e da imaginação é, portanto, um desafio pedagógico crucial nos tempos atuais. O professor precisa atuar como um encantador, criando um ambiente tão mágico e envolvente que a história contada se torne mais interessante e cativante do que qualquer dispositivo eletrônico, resgatando assim o valor do ritmo mais lento, da interação humana e da poderosa e insubstituível construção interna de imagens.

4. PERSPECTIVAS FUTURAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ao olhar para o futuro, a contação de histórias na educação infantil tende a se fortalecer, não apesar da tecnologia, mas em diálogo com ela, integrando novas abordagens e reafirmando seu valor humano em um mundo em constante digitalização. As tendências apontam para uma prática mais inclusiva, diversa, interativa e conectada com as múltiplas linguagens da criança.

4.1 Integração Crítica com Recursos Digitais e Mídias Imersivas

A tendência não é abandonar a tecnologia, mas integrá-la de forma crítica e intencional. O uso de projeções para criar cenários dinâmicos, a utilização de mesas de luz e retroprojetores para teatros de sombra, aplicativos que permitem que as crianças gravem suas próprias narrações ou criem histórias animadas, são exemplos de como o digital pode complementar e enriquecer a experiência literária. O grande desafio será sempre manter a interação humana e a imaginação ativa como o centro do processo, usando a tecnologia como um recurso de apoio para ampliar as possibilidades, e não como uma protagonista que entrega tudo pronto e limita a criação.

4.2 A Valorização da Narrativa Pessoal e da Diversidade Cultural

O futuro da contação de histórias aponta para uma valorização ainda maior das narrativas que refletem a vasta diversidade do mundo e a singularidade de cada criança. Isso inclui um esforço consciente dos educadores na busca por contos de diferentes culturas, especialmente as de matriz africana e indígena, e por histórias que quebram estereótipos de gênero, raça e configurações familiares. Mais importante ainda, a tendência é incentivar que as próprias crianças se vejam e se tornem autoras. A pedagogia de Célestin Freinet (1975), com sua ênfase no "texto livre" e na imprensa escolar, já apontava para esse caminho. Adaptando suas ideias, o futuro da contação de histórias reside em abrir espaços seguros e de escuta para que as crianças contem suas histórias de vida, narrem seus sonhos e criem seus próprios personagens, fortalecendo a identidade, a autoestima e o sentimento de autoria desde a mais tenra idade.

4.3 A Contação de Histórias como Ferramenta Terapêutica e de Inclusão

Cada vez mais, a contação de histórias é reconhecida e estudada por seu potente potencial terapêutico, ajudando crianças a processar simbolicamente traumas, medos, ansiedades e conflitos do cotidiano. O conceito de "biblioterapia", o uso de livros e histórias como recurso terapêutico, ganha espaço. Em uma perspectiva inclusiva, para crianças com necessidades educacionais especiais, as histórias, especialmente aquelas que utilizam recursos multissensoriais (livros com texturas, objetos concretos, sons, cheiros), são uma poderosa ferramenta de comunicação, interação e inclusão, permitindo o acesso ao universo simbólico e a participação efetiva no grupo de forma significativa.

5. CONCLUSÃO

A jornada da contação de histórias na educação infantil, analisada neste artigo, revela sua força como uma prática ancestral e, ao mesmo tempo, profundamente contemporânea e indispensável. Se por um lado a ampliação do repertório linguístico, o estímulo à criatividade e o fortalecimento dos vínculos representam benefícios inegáveis e bem fundamentados, por outro, a falta de uma formação docente específica e os riscos de uma prática mecanizada e sem planejamento ainda constituem barreiras formidáveis para que seu pleno potencial seja alcançado no chão da escola.

Ficou claro que a contação de histórias transcende, e muito, a função de entreter e preencher o tempo: ela é um elemento pilar do desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional da criança. Em um mundo crescentemente saturado de informações rápidas, estímulos visuais e interações superficiais, o ato de parar, silenciar, ouvir o outro e imaginar se torna um exercício quase revolucionário de cultivo da atenção, da empatia e da paciência. Nesse sentido, é por meio das narrativas que a criança aprende a decodificar não apenas palavras, mas o próprio mundo, desenvolvendo uma consciência crítica que será fundamental para sua cidadania.

O sucesso dessa estratégia pedagógica não

reside na sofisticação dos recursos cênicos ou tecnológicos utilizados, mas na qualidade da mediação do professor. Mais do que um mero leitor ou um reprodutor de narrativas, o professor da educação infantil precisa se assumir como um curador de repertórios, um criador de ambientes mágicos, um observador sensível das reações das crianças e um mediador potente, capaz de transformar cada história em uma oportunidade única de aprendizagem, reflexão e encantamento. O futuro aponta para uma prática que integra o tradicional e o tecnológico de forma equilibrada, que celebra a diversidade de todas as narrativas e que reconhece e legitima o poder de cada criança como autora de sua própria história. Essa visão, contudo, só se concretizará com investimentos sólidos e contínuos na formação de professores, capacitando-os não apenas para "contar histórias", mas para compreender a profundidade desse ato e reinventar a educação por meio dele.

Assim, conclui-se que a contação de histórias, quando planejada com intencionalidade, afeto e critério, não apenas enriquece e dá sentido ao cotidiano da educação infantil, mas se mostra como um instrumento poderoso e insubstituível para a formação de cidadãos mais criativos, comunicativos, empáticos e, acima de tudo, mais humanos, preparados para interpretar, questionar e transformar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
FREINET, C. As Técnicas Freinet da Escola Moderna. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
FREIRE, P. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
ISER, W. O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético. São Paulo: Editora 34, 1996.
MACHADO, R. Acordais: Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar Histórias. São Paulo: DCL, 2004.
MONTESSORI, M. A Criança. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1965.
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.